

Ouvido pensante?

Patrícia Rangel

O livro *Música e mídia: novas abordagens sobre a canção* é a primeira publicação temática do Núcleo de Estudos em Música e Mídia (MusiMid), que é vinculado a instituições universitárias e tem recebido importantes financiamentos de agências de fomento à pesquisa, como o CNPq e Fapesp. O MusiMid realiza atividades voltadas para um diálogo amplo e interdisciplinar, nas diversas áreas em que a linguagem musical participa ativamente do processo comunicativo e, por conseguinte, da produção sócio-cultural e histórica.

Desde seu advento no início do século XX, a mídia firmou uma parceria indissociável com a música. Não há filme, programa de televisão ou de rádio que não a tenha como elemento construtivo. É tão intensa a presença da música nos meios de comunicação hoje em dia, a ponto de considerar-se essa presença como natural, ou seja, uma onipresença. No entanto, esse é um fenômeno que surgiu no século XX.

As mídias contribuíram para que a música se tornasse uma das artes mais acessíveis e populares, em especial uma de suas modalidades, a canção. Esse gênero musical, que se encontra presente na cultura do Ocidente há séculos, pode contar a história de um herói, de uma guerra, fazer parte do reencontro de um grande amor, das lembranças da juventude... A canção é entendida como a reunião de letra e música em uma forma simples. Muitos poemas são denominados canções, ainda que as palavras não sejam cantadas com qualquer melodia. Isso é possível porque elementos do processo semiótico entram na constituição do *corpo* e da *alma* de uma canção, como a harmonia, a instrumentação, o tratamento técnico do material sonoro e a própria língua.

A canção sofreu numerosas transformações sociais, culturais, estéticas e técnicas, e a sua história revela, portanto, uma força asso-

Música e mídia: novas abordagens sobre a canção

Heloísa de Araujo
Duarte Valente (org.)

São Paulo: Via Lettera,
2007, 190 p.



ciada à propriedade de ancoragem e de descolamento: é a movência, que lhe permite adaptar-se ao ambiente, de modo a garantir sua longevidade. Com o advento das mídias, esse processo torna-se mais intenso, sobretudo no que diz respeito à sociedade pós-industrial.

O livro analisa justamente essa relação entre mídia e canção. São oito artigos de autores nacionais e estrangeiros, cada qual focando uma faceta do tema, por meio de linhas metodológicas pouco comuns à pesquisa em música. Assim, conceitos como *hibridismo*, *mestiçagem*, *nomadismo* ou *movência*, típicos em algumas teorias antropológicas e semióticas recentes, servem de ferramenta para encarar os desafios iminentes do ainda pouco estudado universo da canção.

Organizado por Heloísa de Araujo Duarte Valente, *Música em mídia* vem para instigar o ouvido pensante do leitor para o universo da escuta. Participam da obra Gil Nuno Vaz, François Delalande, Herom Vargas, Teresinha R. Prada Soares, Christian Marcadet, Simone Luci Pereira e Cláudia Neiva Matos.

Um dos mais instigantes artigos do livro é “O hibridismo e a mestiçagem como instrumentos para o estudo da canção na América

Latina”, de Herom Vargas, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor titular da Universidade Municipal de São Catarina do Sul (IMES) e da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). O texto coloca em pauta o hibridismo na cultura latino-americana e traça um mapa indicativo de aspectos musicais e de linguagem referentes aos processos de hibridação ocorridos em determinados gêneros da música popular da América Latina. Para compreender o perfil híbrido, não podemos colocar somente um ou dois elementos em questão, mas um leque efetivo de determinantes, funcionando de forma complexa, fora dos processos mecânicos de determinação ou subordinação fácil e imediata. Trata-se de uma problemática de complexidade que requer, para o entendimento da canção popular, um certo grau de mobilidade conceitual, certa pluralidade de pontos de vista e o enfoque relacional de conceitos fundados na idéia de hibridismo. Nestor Garcia Canclini aparece norteando esse belo texto lembrado como um dos principais teóricos que utilizou e sistematizou a noção de hibridismo na América Latina. O hibridismo é um processo selvagem que rompe estabilidades teóricas, recepções padronizadas e esperanças de unicidade semântica. Ao mesmo tempo, mostra-se docemente criativo, por conter germes de novas alternativas para novas combinações. Provoca impactos e é sempre mutante.

O artigo deixa claro que as tecnologias contemporâneas de comunicação e informação refuncionaram diversos elementos culturais e estéticos e forçaram o surgimento de comportamentos e objetos híbridos. E comprova que isto não é novidade na América Latina, historicamente caracterizada pelas dinâmicas descentradas da mestiçagem cultural. Na história da música popular da América Latina, escalas e ritmos foram adaptados, instrumentos foram tocados de novas maneiras, o que

era aristocrático tornou-se plebeu, novas formas de fazer, ouvir e entender a canção apareceram. Tudo sob essa ótica do hibridismo.

Outro artigo que se pode destacar é “Canção artística. Canção popular, canção das mídias: movência e nomadismo”, Heloísa Valente, também doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, com pós-doutoramento junto ao Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), tendo como área de pesquisa a voz cantada, sobretudo a partir das mídias. O artigo propõe um estudo da canção sob o foco do surgimento das mídias, mais precisamente através do conceito de nomadismo elaborado pelo teórico suíço Paul Zumthor, que permite ao signo – no caso a canção – transformar-se constantemente. Especial atenção é dada à música erudita, que se converte em canção que atende ao gosto popular, assim como a que tenta transformar o repertório popular em erudito. Nesse cenário encontram-se personalidades diversas como os Três Tenores, Andréa Boccelli, Sarah Brightman, entre outros.

Embora cada texto seja o trabalho individual de um autor, resultando numa multiplicidade de pontos de vista sobre a questão, há também um excelente denominador comum: a preocupação de se inserir o debate no que hoje se entende por paisagem sonora.

Depois da leitura de *Música e mídia: novas abordagens sobre a canção*, começaremos a não apenas *ouvir* a canção, mas ouvi-la física, emotiva, criticamente, de maneira complexa, em suas múltiplas faces e contrafaces.

Patrícia Rangel é jornalista, mestrande em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero, professora titular das Faculdades Integradas Rio Branco e autora do Manual do jornalismo esportivo (*Contexto*, 2006).